

A potência dos subalternos em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz: a diluição do secundarismo no relato de Mabel

The power of the subalterns in Solitária by Eliana Alves Cruz: The dissolution of secundariness in Mabel's narrative

Egberto Guillermo Lima Vital

Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB) | Campina Grande | PB | BR
egbertovital@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8895-1892>

**Antonio Carlos de Melo
Magalhães**

Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB) | Campina Grande | PB | BR
magalhaes.uepb@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0262-3474>

Resumo: Este estudo investiga uma obra específica onde a ideia tradicional de personagens secundários é desafiada, resultando em uma parceria entre os protagonistas e seu entorno. Mabel e Eunice, as protagonistas e narradoras, têm papéis essenciais na resistência e na conexão com personagens menos representados. Esse padrão reflete uma tendência na literatura atual. No presente artigo, examinaremos *Solitária* (2022), focando no primeiro capítulo, que destaca o relato de Mabel. No entanto, nossa análise se concentra nos movimentos de resistência provocados pelas personagens ao redor de Mabel. Propomos questionar a noção de personagens secundários e discutir como na literatura contemporânea eles têm voz ativa, desafiando a ideia de serem apenas coadjuvantes. Isso ressalta a importância de considerar a diversidade de vozes e a complexidade de suas ações. Para tanto, nos apoiaremos nas discussões de Justino (2015), Hardt e Negri (2005), para discutir os conceitos de multidão e literatura de multidão; a partir de Candido (2014) e Rosenfeld (2014) discutiremos a personagem e seus processos de autonomização na narrativa contemporânea, ao passo que nos apoiamos em Cortázar (1998) para ampliar as reflexões acerca do personagem como estrutura semiótica do romance e como Eliana Alvez Cruz dilui suas categorias em sua prosa.

Palavras-chave: Estudos Culturais; subalternidades; alteridade; secundarismo; coprotagonismo.

Abstract: This study investigates a specific work where the traditional idea of secondary characters is challen-



ged, resulting in a partnership between the protagonists and their surroundings. Mabel and Eunice, the protagonists and narrators, play essential roles in resistance and connection with less represented characters. This pattern reflects a trend in current literature. In this article, we will examine *Solitary* (2022), focusing on the first chapter, which highlights Mabel's account. However, our analysis focuses on the resistance movements provoked by the characters around Mabel. We propose to question the notion of secondary characters and discuss how in contemporary literature they have an active voice, challenging the idea of being mere supporting characters. This highlights the importance of considering the diversity of voices and the complexity of their actions. To this end, we will rely on the discussions by Justino (2015) and Hardt and Negri (2005) to discuss the concepts of the multitude and literature of the multitude. From Candido (2014) and Rosenfeld (2014), we will discuss the character and its processes of autonomization in contemporary narrative, while we draw on Cortázar (1998) to expand the reflections on the character as a semiotic structure of the novel and how Eliana Alvez Cruz dissolves these categories in her prose.

Keywords: Cultural Studies; subalternities; alterity; secondary characters; co-protagonism.

1 Considerações Iniciais

Eliana Alves Cruz é uma escritora carioca, nascida em 1966, na cidade do Rio de Janeiro. Jornalista por formação, atuou como chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos. Também foi vice-presidente do Comitê de Mídia da Federação Internacional de Natação – FINA e atualmente é colunista do *The Intercept*, no qual discute questões relativas a racismo e escravidão.

Com uma recente produção literária, já em 2022 conquistou o Prêmio Jabuti na categoria Conto, pela obra *A vestida*, porém, sua carreira como ficcionista tem início com publicações em antologias, dentre as quais se destacam *Cadernos Negros* (2016; 2017) e *Olhos de azeviche: contos e crônicas* (2020). Ainda em 2016, Eliana lança seu primeiro romance, *Água de Barrela*, vencedor da edição de 2015 do Prêmio Oliveira Silveira, que narra três séculos da história real de uma família negra brasileira, o qual é fruto de anos de pesquisa acerca das origens da família da autora.

Em 2018, publica *O Crime do Cais do Valongo*, um romance histórico-policial que narra os meandros do tráfico negro, em um recorte da História que se passa entre Moçambique e

Rio de Janeiro. Seu terceiro romance é publicado em 2020 e, também, faz um recorte histórico do período colonial, em *Nada digo de ti que em ti não veja*, a autora versa acerca dos prenúncios das *fake news*, tendo como pano de fundo o ciclo do ouro em Minas Gerais.

A Vestida, seu livro de contos, é publicado em 2021 e laureado com o Prêmio Jabuti no ano seguinte. Já *Solitária*, publicado em 2022, mergulha no universo urbanizado das relações precarizadas de trabalho, de mulheres que vivem em regimes análogos à escravidão, é um recorte das vivências das empregadas domésticas brasileiras e suas formas de relação com as subalternizações impostas pelo poder opressor das elites. Além de romances e contos, Eliana também é autora de literatura infantil e já publicou *A copa frondosa da árvore* (2019) e *O desenho do mundo* (2022).

Na maioria das suas obras, destaca-se a profunda pesquisa histórica que Eliana Alves Cruz realiza para a construção de seus narradores, personagens, espaços e ambientes, além disso, seus textos versam acerca do passado escravista brasileiro e seus impactos sobre a população preta do país, os movimentos de insurgência das pretitudes diante das relações de opressão, seja no período colonial ou pós-colonial, em um movimento decolonial, também se destaca a presença de mulheres pretas que conseguem, por meio da insubserviência, romper com a ordem fixa dos contextos opressores.

Neste artigo, no entanto, vamos nos debruçar sobre a obra *Solitária* (2022), fazendo um recorte do primeiro capítulo, que concerne no relato de uma de suas protagonistas, a jovem Mabel, porém, o foco de nossa análise será nos movimentos de insurgência que as personagens que estão no entorno de Mabel provocam sobre sua condição. Nossa proposta aqui é a de avassalar a noção de personagem secundária e discutir sobre como na literatura contemporânea essa categoria tem se modificado, uma vez que o projeto literário dos textos de ficção produzidos entre os séculos XX e XXI é justamente o de dar voz ao nomeado como subalterno, retirando-o da posição de secundarismo e alçando-o a um coprotagonismo com as personagens centrais da obra. Quer dizer, o subalterno não só pode falar, mas fala constantemente, por isso a necessidade de refletirmos sobre as tonalidades de sua voz e a complexidade de suas ações.

O romance *Solitária* (2022) narra a trajetória das mãe e filha, Eunice e Mabel – a primeira, empregada doméstica, a segunda, estudante –, que é marcada pela vivência solitária em um quatinho de empregada minúsculo, sem janelas, o qual dá acesso apenas à lavadeira, à cozinha e à área de serviço, o reduto que lhe é também a porta de entrada para o apartamento luxuoso no Edifício Golden Plate, pelos fundos, demarcando os limites até o elevador de serviço e o *apartheid* contemporâneo que costura a narrativa-denúncia de Eliana Alvez Cruz.

A obra nos responde alguns questionamentos: O que acontece nos quatinhos dedicados às dependências de empregadas das residências luxuosas da elite brasileira? Quem são os invisíveis que são quase da família? Por que eles se hospedam nos confins dos caros apartamentos e mansões, que se cercam dos muros impenetráveis dos condomínios de luxo?

É sobre as vivências de diversas mulheres que trabalham em “casas de família” que esta narrativa trata. Aqui, a escritora e jornalista coloca em relevo toda a perversidade das heranças escravocratas que emolduram as narrativas de patrões e empregados. *Solitária* faz um desenho jornalístico-histórico-literário das relações de poder que envolvem a burguesia brasileira e seu talento para emular o passado escravista que a branquitude tupiniquim não somente herdou dos seus antepassados europeus, mas criou mecanismos próprios de mas-

carar a condição de opressão de muitas mulheres negras que vivem sob políticas injustas em sua situação de trabalho.

Em um relato crível, Cruz constrói diversos narradores que vão desvelando, a partir das suas vivências, e dos sussurros que ficam trancafiados nas minúsculas dependências de empregados, os regimes de trabalho análogos à escravidão, que são guardados dentro dos muros e cercas elétricas, que protegem os maus patrões, e suas crias, da força da lei e das lentes da imprensa.

“Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno..., mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa. Por estar muito consciente disso, a voz de Eunice me encheu de alegria e saudade, mas igualmente de melancolia” (Cruz, 2022, p. 139), diz o quartinho de empregada, situado dentro do luxuoso apartamento no prédio Golden Plate, o cômodo surge como uma personagem que segreda todas as vivências, confidências e vicissitudes que contornam as narrativas de cada indivíduo, construindo uma obra polifônica e, essencialmente, real e dolorosa. Como personagem, o quartinho revela essa porosidade entre aquela que nele vive, habita, e a ideia de espaço como reduto dos pertencimentos, dos segredos e dores guardados.

2. A potência oralizante da Multidão no relato de Mabel

Percebe-se, na tradição crítica literária contemporânea, uma tendência à análise dos textos literários a partir dos estudos culturais, que se debruçam, na maioria das vezes, sobre as construções do real no universo ficcional e têm como escopo a leitura das relações dos protagonistas e/ou narradores com as representações de grupos minoritários e a busca da alteridade como fim representativo de dicotomias que alocam em polarizações o pobre e o rico, o centro e a periferia, pretos e brancos, patrões e empregados, e que apontam a violência como pano de fundo das relações de poder entre o opressor e o oprimido, tendo-a como um fim de análise das geografias dissonantes exploradas nas narrativas contemporâneas.

Lemos nessa obra, então, uma diluição da noção de personagem secundário, em um movimento de ruptura com a estrutura tradicional do que seria essa categoria em um romance, aqui as personagens que estão no entorno das protagonistas assumem a potência de força motriz das ações de resistência e revolta delas duas (Mabel e Eunice), que também atuam como narradoras, são os caminhos de contato, às vezes até com personagens que sequer falam na narrativa, mas que atuam vicariamente sobre elas, que fazem com que o movimento de insurreição delas leve a uma reconfiguração da ordem ali preestabelecida, nesse sentido, o secundarismo cede lugar a um coprotagonismo entre as personagens centrais e aquelas que estão no seu entorno, tendência que temos percebido nos romances contemporâneos, sobretudo na obra de Eliana Alves Cruz.

2.1. *Solitária* e a Multidão: um *corpus* literário, ético e político

Nesse sentido, é importante discutirmos as potências dessa multidão na construção de um *corpus* literário, ético e político. Se pensarmos na construção do espaço das cidades e na lógica de que suas geografias são transitórias e se esmiuçam em territorialidades de deslocamentos ininterruptos, pululada de uma infinidade de transeuntes que passam em trens, metrô, bicicletas, mototáxi, Uber, a pé, correndo incansavelmente para não perderem a condução e não cheguem atrasados no trabalho, enfim, uma infinidade de identidades culturais que se inter cruzam e que às vezes narram, no silêncio, na invisibilidade, num *flash* de passagem (quase imperceptível), as experiências dos muitos, em um outro caminho de análise, podem confirmar o potencial oralizante das multidões (Justino, 2015).

Muito tem se discutido, na tradição crítica e literária contemporânea, as representações das personagens e suas diversidades a partir dos estudos culturais, porém, na maioria das vezes, esses estudos trazem como a análise das relações dos protagonistas e/ou narradores e as suas representações a partir da construção literária de grupos minoritários, tendo-a como um fim de análise, mas limitando as possibilidades de exploração dos personagens nas narrativas contemporâneas.

No contrapeso dessa tradição, Justino (2015) propõe uma abordagem dos estudos narrativos da contemporaneidade que confere aos personagens secundários o potencial de força motriz dos protagonismos, uma vez que seu potencial tem nascedouro na potência oralizante da multidão. A multidão surge aqui como um conceito de movimento de vozes que reverberam ao longo do texto a partir de diversidades que estão no entorno dos protagonistas, personagens que são estigmatizados, relegados à subalternidade, mas que, pelo seu caráter tagarela, representa a experiência dos muitos dentro do texto literário.

Se pensarmos em termos de representações sociais na literatura, “o povo é sempre representado como unidade, ao passo que a multidão não é representável, ela apresenta sua face monstruosa vis-à-vis os racionalismos teleológicos e transcendentais da modernidade” (Negri, 2007, p. 18), a multidão é o devir sibilante que abala as certezas e estruturas sociais, porque ela concerne na potência dos pobres, dos subalternizados.

A multidão é um conceito aberto e abrangente que tenta apreender a importância das recentes mudanças na economia global. [...] Hoje em dia a produção já não pode ser concebida apenas em termos econômicos, devendo ser encarada de maneira mais ampla como produção social, não apenas a produção de bens materiais, mas também a produção de comunicações, relações e formas de vida (Hardt; Negri, 2005, p. 13).

Em sentido consoante ao de Hardt e Negri (2005), Justino (2015) propõe ainda que, na Literatura, ao “observar a partir de outro foco os personagens secundários e seus modos de vida, sua relação com a linguagem, com os movimentos de sentido do narrador e do personagem principal, sua tendência a ser o ‘subalterno da subalternidade’” (Justino, 2015, p. 133), esses personagens de poucas falas, ou sem fala alguma, estigmatizados e estereotipados, que seguem à margem da visão do narrador, aparecendo como objeto figurativo das relações do protagonista com seu entorno, é possível trilhar um caminho que atravessa olhar crítico sobre estas obras, transversalizando as possibilidades de abordagem do personagem no

texto literário, conseqüentemente, ampliando as possibilidades investigativas das representações literárias à luz dos estudos culturais.

No entanto, o conceito de *literatura de multidão* circunscrito por Justino, pode ser avassalado quando ampliamos a lente de aumento e percebemos que, na verdade, determinadas personagens na literatura contemporânea não ocupam mais a posição de secundarismo, justamente pelo seu caráter tagarela e que rompe com os pressupostos de subalternidade, ao ganharem voz (ou em seus silêncios ensurdecadores), esses personagens outrora secundários, assumem um *status* de atuação e participação na narrativa que torna incompatível alocarmos-los num segundo plano.

Ora, se o projeto literário da contemporaneidade é justamente o de dar voz ao subalternizado, trazendo-o para o relevo da existência e da coparticipação na narrativa das personagens centrais, por que ainda estamos empregando a categoria “personagem secundário”? Quem determina o que é secundário nos jogos desiguais de poder? Quem está construindo essas personagens? Talvez a potência do título da obra de Eliana Alves Cruz nos traga a resposta para esses questionamentos e para discutirmos os modos de vida dessa multidão de sujeitos solitários.

A obra de Eliana Alves Cruz se constrói a partir de um recorte pontual no panorama atual da Literatura Brasileira, uma vez que a narrativa de *Solitária* se constitui no *corpus* das produções da segunda década do século XXI, um período marcado por tensões políticas e sociais do quadro mais amplo da sociedade brasileira, em que as discussões em torno das problemáticas raciais, de gênero e sexualidades, de sexismo e misoginia, das relações trabalhistas análogas à escravidão e o descaso estatal sobre as políticas públicas voltadas para minorias sociais estão no plano central dos estudos culturais e dos processos de decolonialidade.

Uma imagem em *Solitária* (2022) nos chama muito a atenção, é a construção figurativa do trem que aparece em um relato feito por Mabel:

O trem lotado é uma espécie de refúgio seguro. Ali, mesmo de pé e apertadas, as pessoas desabam seu cansaço. No sacolejo dos vagões duros e barulhentos, elas mergulham nos seus infortúnios ou nas pequenas alegrias. Encostadas nas barras de apoio, flertam, confidenciam, fazem amizades eternas e inimizadas também. No trem a gente compra tudo: pilha, lanterna, guarda-chuva, chocolate, bala, pano de prato, boneca, carrinho, a tranqueira eletrônica da moda. [...] Ali tem pagode, samba, sertanejo, funk, louvor. Tem também assédio, abuso, furto, acidente homem sentado segurando com as duas mãos a cabeça cansada... Mas no trem ele relaxa, porque não tem dura da polícia. E se for polícia, descansa. E se ele for bandido, descansa também. Arrisca de o primeiro pedir desculpa se pisou no pé do segundo. No trem todo mundo é todo mundo, e todo mundo é ninguém (Cruz, 2022, p. 17).

O trem talvez seja uma das caracterizações mais precisas da potência centrífuga das multidões, é naquele espaço que coexistem inúmeras narrativas e modos de vidas, sujeitos subalternizados que transitam em um mesmo microcosmos de relações que fazem com que suas biografias se inter cruzem e em que suas vozes se movimentam. Mas há uma imagem que marca bastante a forma não-representável da multidão, é o fato de que essa multidão é constituída por sujeitos solitários – “no trem todo mundo é todo mundo, e todo mundo é ninguém” –, e aqui está a potência do título da obra de Eliana, *Solitária* toca num ponto bastante

importante para revisarmos o conceito de multidão, por mais centrífuga que seja a sua ação, esses muitos seguem solitários em suas biografias pessoais.

3. Multidão de sujeitos solitários

Desta feita, a compreensão das relações das protagonistas de *Solitária* (2022) com as personagens que estão no seu entorno, nos oferece um arcabouço robusto para responder às questões levantadas no segundo tópico deste trabalho. Eunice e Mabel são mãe e filha, a primeira é empregada doméstica e trabalha para Thiago e Lúcia, moradores da cobertura do luxuoso prédio Golden Plate, a segunda é uma estudante que divide com a mãe o micro-espaço que ocupa no seu trabalho. Por mais que sejam como se fossem quase da família, Eunice e sua filha são relegadas ao reduto da dependência de empregadas, vivem ali isoladas e devem passar quase que imperceptíveis, sem modificar a rotina de seus padrões ou serem vistas como moradoras daquele lugar.

A obra as apresenta como protagonistas e narradoras; duas mulheres pretas, uma delas atua como empregada doméstica e babá de uma família branca de classe alta, que reside em um condomínio de alto custo em um grande centro brasileiro, a outra é sua filha, que se demonstra inconformada com a ordem pré-estabelecida na vida de sua mãe, mas que se vê às voltas de situações que podem levá-la a reproduzir suas mesmas experiências. E em um percurso convergente, surge o quatinho de empregada que narra a terceira parte do livro, em um tom confessional, como ele percebe aqueles modos de vida potencializados por Mabel e Eunice.

3.1 Personagens do entorno de Mabel: uma (possível) diluição do secundarismo

Múltiplos são os personagens que estão no entorno do relato de Mabel. Os personagens que estariam classificados como secundários, neste contexto, são aqueles que movimentam as suas ações narrativas em um percurso de insurgência contra a posição de subalternidade imposta à sua mãe e, conseqüentemente, à própria Mabel. Estes mesmos personagens são sujeitos que passariam despercebidos na narrativa, dada a posição subalterna que ocupam, mas são a força motriz que leva Mabel a questionar a subalternidade da mãe e a construir as possibilidades de se rebelar.

Se evocarmos o pensamento de Cortázar (1998, p. 54), é possível afirmar que Eliana manifesta de maneira literária personagens que, mesmo não falando (ou não falando tanto, ou quase nada), vivem, e seus modos de vida são propulsores cruciais para movimentar o estaque social de Mabel, sobretudo de Eunice. É a partir dos sujeitos que estão no entorno e nas periferias da narrativa, que Cruz cria personagens “de infinita riqueza intuitiva, que enfocam a realidade em termos de ação, de resolução de conduta” deslocando modos de vida de Mabel e Eunice de uma linearidade sistêmica.

Se para Cortázar (1998, p. 51) “o romance parece ter nascido para manifestar em suas formas mais diversas – e sempre dentro de uma manifestação correspondente – o sentimento

humano”, as escolhas que Cruz faz em Solitária, de alocar justamente estes sujeitos e seus modos de vida na posição subalterna ante o já subalternizado, é uma escolha definida por valores éticos e políticos, conduzido por um sentimento humano de inconformidade diante das estruturas dominantes pré-estabelecidas, que constroem o molde literário de sua narrativa. E aqui a gente responde ao questionamento de quem é que determina o secundário, na contramão da tradição, Eliana avassala o conceito e reloca o centro de ocupação dessas personagens, diluindo a ideia de secundarismo e construindo sujeitos ficcionais que coprotagonizam a narrativa em suas subalternidades tagarelas, redeterminando o que deve estar na posição secundária, autonomizando o subalterno.

Para Rosenfeld (2014, p.17) a categoria personagem vem adquirindo uma amplitude maior em sua constituição, ao longo da tradição a personagem vem autonomizando de tal forma que ela própria constitui a ficção, logo, personagem não é mera mimese ou representação, mas podem ser lidas como construções ficcionais que “se humanizam através da imaginação pessoal” (Rosenfeld, 2014, p.27), nesse sentido, é seguro dizer que para o teórico a personagem, de fato, constitui a ficção. Logo, ainda corroborando com o pensamento de Rosenfeld (2014, p.35), é importante para nossa discussão atentar que a ficção é um lugar – e talvez seja o único – em que a transparência dos seres humanos se tona tátil em nossa visão, por ser o lugar em que se projeta seres autônomos e intencionais.

Nesse sentido, “a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo)” (Rosenfeld, 2014, p.45), assim, os modos de vida de todas as personagens de uma obra se tornam relevantes e possíveis de análises para indicar as potências presentes em seus discurso, desta feita, é perceptível uma diluição do personagem secundário, uma vez que essa autonomia constitutiva desmonta os espaços tradicionais desta categoria dentro da narrativa, ela não é mais secundária na literatura contemporânea, ela coparticipa e emancipa movimentos de insurgência e transformações na trajetória das personagens centrais.

Em um percurso crítico semelhante, Candido (2014, p.53) atenta para o fato de que no romance o enredo só é possível através das personagens, uma vez que essas duas instâncias (enredo e personagem) indicam “os intuídos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (Candido, 2014, p.53-54), mais que isso, quando se pensa em enredo, se pensa em personagens, logo, se pensa em seus modos de vida, problemas e condições, é a vivência das personagens que torna vivo o enredo e suas ideias.

O que nos leva a refletir sobre o processo de autonomização de Eunice, a mãe de Mabel ocupa em seu relato uma posição que tradicionalmente classificaríamos como “secundária”, no entanto, as experiências vivenciadas por Eunice têm impacto direto no desenvolvimento das narrativas de Mabel, é a partir da (con)vivência no trabalho da mãe, que a menina começa a repensar sua posição naquele *status quo*, mesmo se vendo às voltas de repetir um mesmo *modus operandi* que é comumente relegado às filhas de empregadas.

Seu relato inicia com um desabafo: “Mãe... a senhora precisa se libertar dessas pessoas... A senhora não deve nada a elas, pelo contrário. Mãe... Sou eu, a Mabel, sua filha. Não tenha medo de encarar esse povo que nunca limpou a própria privada!” (Cruz, 2022, p.11); a partir desse recorte poderíamos fazer uma leitura de Eunice como uma personagem subalterna e que ocupa um espaço de secundarização na biografia de Mabel, uma mulher que se priva dos seus direitos para proteger os patrões por uma pretensa gratidão, no entanto, a personagem

de Eunice se autonomiza de tal forma que ela se torna narradora e personagem central no segundo capítulo de *Solitária*, que vai se centrar no seu próprio relato, além de seus modos de vida terem impacto direto na insurgência proposta por Mabel. É na experiência vicária com a mãe, que a menina nega ser parte daquele sistema opressor, logo, se torna limitante dizer que Eunice é um personagem secundário. Além disso, é importante reconhecer a força do pertencimento na voz de Mabel: “sou eu... sua filha”. No pertencimento está o segredo de que Mabel foi nutrida e acalentada por essa mulher, Eunice, sua mãe, que aparentemente nada dizia, e tudo diz, porque sua vida está prolongada na de sua filha, Mabel, rebelde, crítica, mas, ao mesmo tempo, a que reconhece a força e a sobrevivência de sua mãe.

Em um mesmo percurso está a figura de Jurandir. Seu Jura, porteiro e zelador do prédio, é uma peça-chave nessa narrativa, sobretudo no trajeto de Mabel, uma figura que se opõe à noção de paternagem que a menina vivencia, Jurandir é um pai solo, abnegado em relação ao trabalho e aos filhos; sensível quanto às condições dos que estão no seu entorno, ele vai ser um dos pontos de equilíbrio da mãe de Mabel para enfrentar a violência doméstica e apresenta a ela novas possibilidades de vida.

Jurandir fala a Mabel em seus silêncios, um forte exemplo da soledade da multidão, aqui temos uma amostra perfeita de como as multidões são formadas por sujeitos solitários, tal qual podemos perceber na imagem do trem supracitada, Jurandir fala mesmo quando não as palavras não lhe falam: “Passei por Jurandir, encostado na porta que dava para o quintal observando tudo de braços cruzados. Ele me olhou resignado, como quem diz: ‘Não te disse?’” (Cruz, 2022, p. 13); “Olhei para o lado e avistei Jurandir vindo correndo, esbaforido. Chegou suado e ofegante. Rimos dele curvado, com as mãos apoiadas no joelho, tentando recuperar o fôlego. Jura, que nasceu no Pará, tem um jeito gostoso de falar que eu adoro. Os paraenses são uma mistura de um monte de gente, têm no corpo o país todo.” (Cruz, 2022, p. 29).

Outro personagem que nos confirma essa diluição do secundarismo na obra de Cruz, é João Pedro. O oposto total do irmão Cacau, que é um rapaz dado aos estudos e que apresenta um comportamento pacífico, mediador e confidente, funciona quase como um “super-ego” de Mabel, estando presente nos momentos em que ela mais precisou de acolhimento, é quem a acompanha desde o ensino básico até a entrada na Universidade. João Pedro é o ponto de conflito na narrativa, suas ações questionadoras e subversivas levam a modificações consideráveis nos modos de vida dos pobres que coexistem com os ricos naquele microcosmos de *apartheid*.

Um personagem de poucas e esparsas falas, João é o “subalterno da subalternidade” naquilo que Justino (2015) defende acerca da literatura de multidão, mas existe um ponto de cisão do conceito muito importante aqui, o filho rebelde do porteiro, que consome bebidas alcólicas e fuma maconha, transa com as garotas ricas do condomínio, não está em busca de um emprego formal, tampouco pensa em uma carreira acadêmica, jamais pode ser visto como um personagem secundário, esse *locus* não é compatível com o nível de autonomização que João Pedro adquire ao longo da narrativa, é ele o principal ponto de ignição dos movimentos de insurgência de Mabel: “[...] quem me fez subir um degrau a mais na escada da maturidade foi seu irmão.” (Cruz, 2022, p. 68); isso fica demarcado no relato da protagonista sempre que ela faz referência a João Pedro:

João arrumou muita confusão naquele edifício. Uma das grandes foi com o general Feitosa. O velho morava sozinho, e quem cuidava dele era a enfermeira Hilda

[...]. Diziam que já havia torturado, matado e prendido. [...] Depois de quase meia hora de discurso [com João Pedro], o general estava quase gritando [...] perguntou se João não tinha nada a dizer. [...] João Pedro, sem se alterar, disse tranquilamente o que pensava. – Tenho, sim, senhor... vá tomar no olho do seu cu, Mingau (Cruz, 2022, p. 48-49).

João extrapola, com seus modos de vida, o que normativamente poderia ser classificado como personagem secundário e isso dialoga diretamente com as reflexões de Candido (2014, p.59) acerca das buscas do romance moderno, para ele “o romance moderno procurou aumentar cada vez mais o sentimento de dificuldade do ser fictício”, e esse movimento de complexidade que personagens que ficam no entorno dos protagonistas é fruto dessa busca por maior complexidade dos personagens, o que acaba por diluir a ideia de ente ficcional delimitado, os limites entre personagens centrais e secundários são rompidos a partir do momento que o projeto narrativo é dar vez, voz e relevo aos subalternos, mesmo que estes sejam solitários na multidão, e isso é um trabalho de seleção do romancista, algo que vem, aponta Candido (2014), desde James Joyce, com *Ulysses*, e reverbera do romance moderno do século XX até os romances mais contemporâneos a nós, a exemplo de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr., ou *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, ainda o mais recente *Louças de Família*, de Eliane Marques, que também são obras em que o conceito de “personagem secundário” é desmontado, o que nos responde outro questionamento feito no tópico anterior: porque estamos ainda empregando a categoria de “personagem secundário” se esse conceito já foi diluído no projeto narrativo da contemporaneidade?

4. Considerações Finais

No texto de apresentação que Cruz faz para seu romance, a autora assinala que “Solitária dá provas de quão incontornável se tornou reelaborar [...] não apenas a história, mas as sobrevividas da escravidão colonial. [...] É uma obra que testemunha uma crucial mudança de sensibilidade no espírito de nosso tempo. Um romance de libertação”. (Cruz, 2022), e sendo um “romance de libertação” não cabe espaço para a noção de personagem secundário, uma vez que todas as vozes que se entrelaçam ao longo dos relatos nessa narrativa ecoam esse grito de insubserviência às estruturas preestabelecidas.

Desta feita, aqueles que seriam secundários, e quase silenciados, agenciam o discurso de libertação das protagonistas Mabel e Eunice, logo, coprotagonizam suas narrativas em um movimento que deixa evidente o quão potentes são os modos de vida dos pobres na construção desse discurso de libertação. Assim, é seguro afirmar que o projeto narrativo da contemporaneidade não é mais compatível com a ideia de personagem secundário, logo, esse conceito já foi desmontado por seus romancistas, na narrativa contemporânea há, sim, uma coparticipação protagonista entre as personagens centrais e as que estão no seu entorno (tradicionalmente classificadas como secundárias).

A obra *Solitária* de Eliana Alves Cruz, nesse sentido, emerge a partir do mergulho nas profundezas das multidões que circundam as relações de poder e das vivências das mulheres negras que trabalham como empregadas domésticas no Brasil contemporâneo. Ao explorar as nuances da condição solitária dessas mulheres, Cruz desafia e redefine as fronteiras tradi-

cionais entre personagens principais e secundários, revelando a potência das vozes subalternas na construção narrativa, ela constrói com isso, uma multidão de sujeitos solitários.

No entanto, o que torna *Solitária* uma obra singular é a maneira como Eliana Alves Cruz desafia as convenções literárias ao diluir a noção de personagem secundário, desenhando uma coparticipação protagonista entre as personagens centrais e aquelas que estão ao seu redor. As personagens secundárias, muitas vezes relegadas ao silêncio e à marginalização, emergem como forças motrizes das ações de resistência e revolta de Eunice e Mabel.

Cruz retrata as multidões de sujeitos que trabalham nas “casas de família” como agentes de mudança e voz. Esses sujeitos, invisíveis aos olhos das elites, são as vozes que desvelam os segredos e as dores que permeiam as relações de poder dentro dos lares luxuosos. Ao dar voz a essas personagens, Cruz constrói um *corpus* literário, ético e político que desafia as estruturas opressoras da sociedade.

Um aspecto fundamental de *Solitária* é a sua profundidade histórica e política. Cruz contextualiza as vivências das personagens dentro do legado escravista do Brasil, expondo as heranças escravocratas que ainda permeiam as relações de trabalho e poder. Através dessa narrativa, ela revela as injustiças e as violências que pessoas subalternizadas enfrentam diariamente, criando uma obra que é ao mesmo tempo um relato jornalístico, histórico e literário.

Além disso, Eliana nos possibilita a refletir sobre a potência oralizante da multidão. Cruz destaca a importância das vozes coletivas na construção da narrativa, explorando as experiências dos muitos que transitam pelas cidades brasileiras. Essas vozes, muitas vezes silenciadas e invisibilizadas, são fundamentais para a compreensão das complexidades das relações sociais e políticas do país. Desafia as convenções literárias, redefine as fronteiras entre protagonistas e secundários, e dá voz aos marginalizados. É um testemunho poderoso da resiliência da subalternidade e da capacidade de resistência dessa multidão centrifuga que movimenta a literatura brasileira no século XXI.

Desta feita, a força de *Solitária* reside não apenas na representação das experiências individuais de suas personagens, mas também na maneira como Eliana Alves Cruz tece uma teia de relações sociais e políticas que ecoam além das páginas do romance, ao explorar os quatinhos apertados e os corredores sombrios dos apartamentos de luxo, Cruz nos convida a refletir sobre as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade brasileira. Eunice e Mabel, juntamente com os outros personagens que contornam suas narrativas, nos colocam diante da brutalidade das relações de poder que estão dentro dos modos de vidas das camadas subalternizadas. O quatinho de empregada ou a guarita do porteiro, são um símbolo da exclusão e da invisibilidade, torna-se um espaço de reivindicação e de luta pela dignidade humana, é dentro dessas paredes estreitas que as vozes subalternas encontram eco, transformando o silêncio em grito de revolta.

Ao expor as relações de trabalho análogas à escravidão e os mecanismos de opressão que subjugam os pobres, Cruz nos confronta com a realidade contundente da desigualdade social e racial no país.

Percebemos com Eliana Alves Cruz, que o que se pensava sobre a narrativa está sendo redesenhado pelos escritores e escritoras contemporâneos. Porque é dando voz aos subalternos que eles estão diluindo os conceitos tradicionais sobre a personagem no romance, construindo um processo de autonomização do personagem, ele, na verdade, muda os caminhos do protagonista com seus modos de vida e coparticipa do enredo de forma ativa e direta, são

as multidões de sujeitos solitários que têm avassalado a ideia de personagem na narrativa contemporânea. Se há os subalternos nos regimes produtores de pobreza, na literatura as personagens encontram suas vozes, suas formas de dizer, resistir, contar suas histórias.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio... [et. al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CORTÁZAR, Júlio. *Obra Crítica*, volume 1; edição de Saúl Yurkievich; tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JUSTINO, Luciano Barbosa. *Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente* [Livro Eletrônico]. – Campina Grande: EDUEPB, 2015.

ROSENFELD, Antol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio... [et. al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.